

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – SETOR LITORAL

A IMPORTÂNCIA DA SUSTENTABILIDADE NA EDUCAÇÃO DO CAMPO

**NOVA TEBAS
2014**

FRANCISCA VIEIRA DOS SANTOS

A IMPORTÂNCIA DA SUSTENTABILIDADE NA EDUCAÇÃO DO CAMPO

Trabalho apresentado como requisito parcial para a obtenção da certificação do curso de Especialização em Educação do Campo, Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo S. da Silva

**NOVA TEBAS
2014**

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	04
A IMPORTÂNCIA DA SUSTENTABILIDADE NA EDUCAÇÃO DO CAMPO.....	07
ANÁLISE DE ESTUDO.....	12
CONCLUSÃO.....	13
REFERENCIAS.....	14

A IMPORTÂNCIA DA SUSTENTABILIDADE NA EDUCAÇÃO DO CAMPO

Francisca Vieira dos Santos
Universidade Federal do Paraná

RESUMO: O objetivo do artigo é compreender o conceito de sustentabilidade, pois a sustentabilidade é, para nós, o sonho de bem viver, sustentabilidade é equilíbrio dinâmico com o outro e com o meio ambiente, é harmonia entre os diferentes. O elemento central da metodologia deste artigo é a promoção do diálogo, dos conhecimentos diversos, entre a escola e os moradores no distrito de Marilu. Sua expansão gradual tem influenciado diversos campos do saber e de atividades diversas, entre os quais o campo da educação. Há pouco mais de uma década, observa-se entre os organismos internacionais, as organizações não governamentais e nas políticas públicas dirigidas à educação, ambiente e desenvolvimento de alguns países, uma tendência a substituir a concepção de educação ambiental, até então dominante, por uma nova proposta de educação para a sustentabilidade ou para um futuro sustentável. Foi trabalhado a sustentabilidade em forma de debate onde pudemos refletir e debater sobre o tema, utilizamos pesquisas bibliográficas e muita leitura para se chegar a um resultado a contento de todos, de que a sustentabilidade deve ser firmada já, para que num futuro próximo tenhamos a firmeza do sustentável. Os alunos são carentes de conhecimentos relativos a questão ambiental, porém estão receptivos a metodologias diferentes, e estão abertos a discutir assuntos da atualidade em relação a sustentabilidade. Fica claro que devemos fazer algo novo para contribuir com a melhoria de nossa própria qualidade de vida. Abandonar velhos hábitos e cultivar novos, afim de nos re-educarmos, no que diz respeito ao nosso relacionamento com a natureza, valorizando a sustentabilidade.

Palavras-chave: Educação no Campo; Sustentabilidade da Educação no campo; Desafios da Educação no Campo.

1. INTRODUÇÃO

Ouvimos muito sobre sustentabilidade, mas enquanto educadores, não temos nos mobilizado para práticas educativas que garantam a continuidade dos aspectos culturais, sociais, econômicos, físicos e ambientais do planeta. A cultura de sustentabilidade ainda não foi adotada pela maioria da população do nosso país e, como educadores, devemos pensar numa escola que promova esse aprendizado, a fim de se ensinar a importância de atitudes de preservação, para que as gerações futuras não sofram com a destruição ambiental. Precisamos criar a responsabilidade social em nossos alunos, a fim de que sejam autossuficientes no sustento de suas famílias, sem ficarem na dependência de outras pessoas.

Segundo o relatório de Brundtland:

sustentabilidade significa “suprir as necessidades da geração presente sem afetar a habilidade das gerações futuras de suprir as suas”. Dentro dessa

linha de pensamento, pesquisadores desenvolveram técnicas de reaproveitamento que valorizam as produções, estimulando as atitudes ecologicamente corretas, desde uma vizinhança até o âmbito mundial. Mas não basta ser somente ecologicamente correto. Para ser considerado como sustentável, um empreendimento deve ainda conter atitudes que visem ser socialmente justos, culturalmente aceitos e economicamente viáveis. (BRUNDTLAND, 1987, p.23)

Paulo Freire (1992) dizia que tinha esperança, não por teimosia, mas por “imperativo histórico e existencial”, como afirma no seu livro *Pedagogia da esperança* (FREIRE, 1992). Com base no pensamento podemos afirmar que, hoje a sustentabilidade também representa uma esperança e, tal como esta, a sustentabilidade tornou-se um imperativo histórico e existencial. Como sustenta Brandão (2008, p.136), sustentabilidade:

[...] opõe-se a tudo o que sugere desequilíbrio, competição, conflito, ganância, individualismo, domínio, destruição, expropriação e conquistas materiais indevidas e desequilibradas, em termos de mudança e transformação da sociedade ou do ambiente. Assim, em seu sentido mais generoso e amplo, a sustentabilidade significa uma nova maneira igualitária, livre, justa, inclusiva e solidária de as pessoas se unirem para construir os seus mundos de vida social, ao mesmo tempo em que lidam, manejam ou transformam sustentavelmente os ambientes naturais onde vivem e de que dependem para viver e conviver.

O primeiro contato com a cultura da sustentabilidade é estranho, difícil, complexo, porque não enxergamos a realidade dessa forma. Para implementar o princípio da sustentabilidade nos projetos e no Plano de Desenvolvimento Institucional do IPE, foi desenvolvido nos últimos anos, uma *Pedagogia da Terra* (GADOTTI, 2001) como sinônimo de ecopedagogia, centrada no paradigma Terra de sustentabilidade ecológica.

Trabalhamos o tema da sustentabilidade, com discussões em debates com os alunos, de uma forma que permitiu conhecer os argumentos favoráveis e contrários ao discurso, avaliou o conjunto da argumentação e participação no debate. Esta discussão visou revelar a diversidade de visões de mundo envolvidas no debate, de modo que os alunos não foram “educados para a sustentabilidade”, mas capacitados a comparar, debater e julgar por si próprios as diversas posições manifestas no debate e aquelas que lhes pareceram mais sensatas.

No Brasil, o discurso da educação para a sustentabilidade ainda é pouco disseminado na literatura e nas práticas que relacionam educação e meio ambiente. Entretanto, a crescente difusão do discurso da sustentabilidade no contexto de um mundo globalizado, marcado por relações entre as esferas locais e globais e por relações de dependência política e cultural entre países do centro e da periferia do sistema mundial, recomenda a análise de seus significados e a avaliação de suas contribuições para o debate brasileiro. (GADOTTI, 2001)

Por compreendermos a sustentabilidade como uma proposta em torno da qual gravitam múltiplas e diversas forças sociais, interesses e leituras que disputam entre si o reconhecimento e a legitimação social como “a interpretação verdadeira” sobre o tema, e por outras tantas razões e que escolhemos para desenvolver o TCC. Trabalhamos com alunos do 1º ano do ensino médio, pois eles já conseguem entender melhor sobre o que é sustentabilidade e a importância da educação do campo para o campo. Na realização desse trabalho, utilizamos as contribuições da abordagem qualitativa, pois a partir dela as ações foram melhor observadas e compreendidas. Para o levantamento dos dados da pesquisa utilizamos conversação e a observação, como principais instrumentos de coleta de dados. O trabalho de pesquisa aconteceu na Escola Estadual de Campo do Marilu, no município de Iretama e teve a participação dos alunos do 1º ano do ensino médio.

De acordo com Garnica (2005), realizar uma pesquisa à luz da abordagem qualitativa é reconhecer:

“[...] (a) a transitoriedade de seus resultados; (b) a impossibilidade de uma hipótese a priori, cujo objetivo da pesquisa será comprovar ou refutar; (c) a não neutralidade do pesquisador que, no processo interpretativo, vale-se de suas perspectivas e filtros vivenciais prévios dos quais não consegue se desvencilhar; (d) que a constituição de suas compreensões dá-se não como resultado, mas numa trajetória em que essas mesmas compreensões e também os meios de obtê-la podem ser (re)configuradas; e (e) a impossibilidade de estabelecer regulamentações, em procedimentos sistemáticos, prévios, estáticos e generalistas”. (GARNICA, 2005, p. 7)

Nessa perspectiva, a pesquisa qualitativa requer uma postura específica durante a investigação, que reconheça a subjetividade do pesquisador e, com isso, o leve a tomar o cuidado de explicitar e justificar suas opções teóricas e metodológicas ao longo de seu trabalho.

A metodologia não pode ser tratada como um conjunto de métodos para a realização de uma determinada investigação - condição que, segundo Goldenberg (2003), faz com que muitos pesquisadores acreditem que o bias do pesquisador ajuste os resultados obtidos - mas deve ser tratada como a articulação entre procedimentos específicos e fundamentação teórica que regula os métodos considerados apropriados e consistentes para a pesquisa. A fim de evitar essa crítica em relação à subjetividade, Goldenberg (2003) sugere que sejam explicitados na pesquisa todos os processos que levaram o pesquisador às conclusões, as dificuldades e os resultados negativos obtidos no estudo, dentre outros.

A IMPORTÂNCIA DA SUSTENTABILIDADE NA EDUCAÇÃO DO CAMPO

Educar para o desenvolvimento da sustentabilidade me parece um conceito limitado e limitador da educação. Não tem a abrangência necessária para se constituir em concepção organizadora da educação. O conceito de sustentabilidade é paradigmático, como vem sustentando Leonardo Boff em suas obras:

[...] a menos que sejamos capazes de traduzir nossas palavras em uma linguagem que tenha as mentes e corações das pessoas, velhas ou novas, não podemos executar as extensas mudanças sociais necessárias para corrigir o curso do desenvolvimento. (BOFF, 1994. p. 15)

O tema da sustentabilidade e do desenvolvimento sustentável estão hoje em moda. Nesse contexto, estes termos acabaram assumindo diversas acepções e conotações, sendo usados, inclusive, para justificar o contrário do que significavam originalmente. Por isso, precisamos entendê-los de forma crítica, não é rejeitá-los por serem ambíguos, mas aproveitar suas potencialidades e essa mesma ambiguidade para afirmar e disputar uma concepção de sustentabilidade e de desenvolvimento sustentável que nos ajude a viver melhor neste planeta, de forma justa, saudável, equilibrada e produtiva, em benefício de todos e de todas. Com isso podemos mostrar ao aluno do campo, a real situação da Terra como planeta que moramos e da terra local de onde vem o nosso sustento, para que assim o mesmo possa perceber que atitudes de sustentabilidade não interferem nos lucros mensais de sua família.

Entender a educação do campo é compreender o significado das práticas pedagógicas adotadas, que remetem a uma educação necessária à promoção da autonomia dos trabalhadores e trabalhadoras do campo. As lutas dos movimentos sociais por uma educação do Campo foram criadas e pensadas com a população e para a população do campo.

A Década da Educação para o Desenvolvimento Sustentável se constitui numa grande oportunidade para a renovação dos currículos dos sistemas formais de educação. O apelo do documento das Nações Unidas é, sobretudo, para os Estados membros. Encontramos quatro desafios básicos para implementar uma Educação para o Desenvolvimento Sustentável:

Melhorar a educação básica; Reorientar a educação existente para alcançar o desenvolvimento sustentável; Desenvolver a compreensão pública; O conhecimento e a formação. (GADOTTI, p. 35. 2001)

O programa Educação para o Desenvolvimento Sustentável exige que se reexamine a política educacional, no sentido de reorientar a educação desde o jardim da infância até a universidade e o aprendizado permanente na vida adulta, para que esteja claramente focado na aquisição de conhecimentos, competências, perspectivas e valores relacionados com a sustentabilidade. (UNESCO, p. 57. 2005)

A UNESCO conclui que:

[...] necessita-se de uma educação transformadora, uma educação que contribua para tornar realidade as mudanças fundamentais exigidas pelos desafios da sustentabilidade [...]. Aprender no âmbito do programa EDS não pode, entretanto, limitar-se meramente à esfera pessoal, aprender deve levar a uma participação ativa na busca e aplicação de novos padrões de organização social e mudança. (UNESCO, p. 45, 45. 2005)

O que parece problemático nos documentos da Década é a relação entre a educação para o desenvolvimento sustentável e a educação ambiental. Afirma-se que “a educação para o desenvolvimento sustentável não deve ser equiparada à educação ambiental”. Educação ambiental é, segundo o documento,

[...] uma disciplina bem estabelecida que enfatiza a relação dos homens com o ambiente natural, as formas de conservá-lo, preservá-lo e de administrar seus recursos adequadamente. Portanto, desenvolvimento sustentável engloba a educação ambiental, colocando-a no contexto mais amplo dos fatores socioculturais e questões sociopolíticas de igualdade, pobreza, democracia e qualidade de vida. (UNESCO, p. 46. 2005)

A educação para o desenvolvimento sustentável, apesar de sua ambiguidade, é uma visão positiva do futuro da humanidade, um consenso apoiado por uma grande maioria. Com o aquecimento global, a Década tornou-se ainda mais atual, e pode contribuir para a compreensão das grandes crises atuais (água, alimento, energia etc.). A EDS implica mudar o sistema, implica o respeito à vida, o cuidado diário com o planeta e o cuidado com toda a comunidade da vida. Isso significa compartilhar valores fundamentais, princípios éticos e conhecimentos (respeito à terra e a toda a diversidade da vida; cuidado da comunidade da vida com compreensão, compaixão e amor; construção de sociedades democráticas que sejam justas, participativas, sustentáveis e pacíficas). (GADOTTI, p. 39. 2001)

A EDS é um ponto central do sistema educacional voltado para o futuro. Contudo, não é suficiente mudar o comportamento das pessoas; nós necessitamos de iniciativas políticas. O sistema formal de educação, em geral, é baseado em princípios predatórios, em uma racionalidade instrumental, reproduzindo valores insustentáveis. Para introduzir uma cultura da sustentabilidade nos sistemas educacionais, nós precisamos reeducar o sistema. Ele faz parte do problema, não é somente parte da solução. A sustentabilidade é um conceito poderoso, uma oportunidade para que a educação renove seus velhos sistemas, fundados em princípios e valores competitivos, e introduza uma cultura da sustentabilidade e da paz nas comunidades escolares, a fim de serem mais cooperativas e menos competitivas. (GADOTTI, p. 39. 2001)

De qualquer forma, necessitamos adaptar esse conceito às diferentes realidades. Há diferentes formas de aplicação deste conceito, dependendo do contexto: nós temos

diferentes compreensões, por exemplo, na Europa, na África, no Iraque, no Afeganistão. Os riscos da vulnerabilidade são globais, mas as soluções são locais e regionais. Podemos reduzir, mas não eliminar riscos. Aprender a viver com o risco é uma exigência da EDS. Precisamos reforçar a ideia de que existe um modelo universal de EDS. Consequentemente, podemos ter diferentes abordagens de EDS, diferentes pedagogias e métodos para traduzir esta visão comum em nível local. (GADOTTI, p. 39. 2001)

A EDS é um conceito integrativo que integra a educação, saúde, trabalho, ciências etc. e interativo. Por exemplo, estabelecer um diálogo entre EDS e as estratégias da educação para todos. A Educação para todos – EPT – já faz um longo caminho, enquanto a EDS está apenas começando. Precisamos criar sinergias entre estes dois processos e usar o conceito de sustentabilidade para implementar uma nova qualidade de educação formal. (GADOTTI, p. 40. 2001)

A Sustentabilidade é o novo compromisso social da educação, qualificar para manter boas condições de vida, oportunizar para a dignidade. Aprender a aproveitar materiais descartáveis é uma forma de enriquecer o conhecimento, além de mostrar que o lixo precisa ser transformado. Não temos mais lixões o suficiente para armazenar tudo que é descartado pelo homem. Além disso, é uma matéria prima sem custo para quem sabe reaproveitá-la. Com o lixo descartado, pode-se levar para a sala de aula técnicas que estimulem o saber, o aprender, pois o resultado aparece quase que instantaneamente, de forma rápida, e é isso que os alunos gostam. Montar uma mini fábrica de brinquedos é uma boa opção.

Os produtos construídos podem ir para o acervo da escola ou serem doados para uma instituição que atende crianças carentes. Comercializá-los levará os alunos a aprenderem que seu trabalho tem valor e que é possível iniciar as primeiras atividades lucrativas, que podem garantir o sustento de suas famílias. Montar uma horta na escola é uma forma enriquecedora de trabalhar a sustentabilidade. Técnicas de plantio podem ser ensinadas aos alunos, que poderão cultivar espécies vegetais que garantam a qualidade de uma boa refeição. Com isso, vão percebendo que podem se manter, que esses aprendizados podem ser estendidos para suas casas, suas famílias, ou mesmo que os alimentos colhidos podem ser divididos entre toda a comunidade escolar. Tem-se a segurança de que a fome não estará mais presente em suas vidas; basta cultivar. Além disso, é o aprendizado de uma profissão que também poderá trazer o sustento da casa. (GADOTTI, p. 40. 2001)

Neste sentido, Pinheiro (2011. p.11) afirma que,

[...] a educação do campo tem se caracterizado como um espaço de precariedade por descasos, especialmente pela ausência de políticas públicas para as populações que lá residem. Essa situação tem repercutido

nesta realidade social, na ausência de estradas apropriadas para escoamento da produção; na falta de atendimento adequado à saúde; na falta de assistência técnica; no não acesso à educação básica e superior de qualidade, entre outros [...]

A preocupação não era de que a educação fosse para todos e de que os camponeses fossem atendidos no direito à educação. Para Foucault, saber e poder não existem separados um do outro: *Não há relação de poder sem constituição correlativa de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder* (FOUCAULT Apud ARAÚJO, 2001: 72).

Sterling toma emprestado de Einstein uma construção simples e significativa para a prática educacional que diz: *Nenhum problema pode ser resolvido a partir da mesma consciência que o criou. Precisamos aprender a ver o mundo renovado* (EINSTEIN apud STERLING, 2001).

Precisamos ver diferente, deslocar e renovar nosso ponto de vista para compreender e agir diferentemente. Aprendizado e mudança são inseparáveis, pois não é possível mudar sem aprender (ver o novo), ou aprender sem mudar (STERLING, 2001).

Vemos que as vezes os alunos têm frutas no quintal de casa e não sabem reaproveitá-las, como bananas, abacates, laranjas, limões, mamões, etc. É papel da escola capacitar os mesmos para estas aprendizagens, pois poderão encontrar dignidade em suas vidas. Com uma cozinha experimental, pode-se ensinar a fazer compotas de doces e aproveitar as frutas que antes eram desperdiçadas. As cascas poderão ir para receitas de tortas, sucos ou mesmo para a horta da escola, servindo como adubo. E aos poucos, cria-se a consciência de que através da transformação é possível sobreviver. As mesmas ainda podem ser vendidas em feiras livres, levando algum dinheiro para a vida dos mesmos. (GADOTTI, p. 40. 2001)

Precisamos mostrar que a coletividade é uma forma de crescer, que a divisão de tarefas e responsabilidades pode proporcionar qualidade nos resultados de nossas intenções, e que um grupo de pessoas pode transformar a sociedade. Dessa forma nossos alunos estarão convivendo com conceitos de sustentabilidade, conteúdos e aprendizados que ficarão por toda a vida. E transformaremos o mundo através de pequenas atitudes, primeiramente realizadas por pequenos grupos.

ANÁLISE DE ESTUDO

Esperamos, enfim, que a caracterização da educação do campo, apresentada neste trabalho, possa levar à reflexão sobre a educação na sociedade contemporânea para fora dos limites do espaço urbano. Nessa reeducação da cultura política, os movimentos sociais do campo tiveram papel importante. A escola vai deixando de ser vista como uma dádiva política, como mero clientelismo e vai sendo exigida como um direito para todos(as).

Para realizar este trabalho, debatemos um pouco sobre a história do surgimento do discurso da sustentabilidade com os alunos do ensino médio, onde eles responderam os questionamentos feitos à eles, demonstrando muito interesse no assunto, sendo participativo e expõe ideias e seus conhecimentos. Falamos sobre os problemas ambientais atuais e os próprios alunos responderam que mudaram muito, que antigamente havia muito queimadas, embalagens recicláveis jogadas ao relento, vasilhames de venenos lavado nas águas dos rios, poluindo a água e matando peixes, animais que bebiam água no rio e adoecia as famílias do local que utilizavam da mesma água, e que hoje há uma maior conscientização e que os camponeses estão mais preocupados com a preservação do meio ambiente, também disseram que a escola contribui muito para que haja esta conscientização contínua. Em seguida, desenvolvemos uma análise das principais críticas favoráveis e desfavoráveis da sustentabilidade. Também exploramos a diversidade de interpretações que constituem a sustentabilidade como um campo discursivo para, finalmente, abordarmos os significados e implicações da inserção do discurso da sustentabilidade no campo educacional, isso tudo aconteceu com aulas discursivas com debates, pesquisas e análises do tema. Em relação ao debate sobre sustentabilidade os próprios alunos chegaram a conclusão que é um meio da sociedade alcançar suas necessidades e expressar o seu maior potencial no presente, e ao mesmo tempo, preservar a biodiversidade e os ecossistemas naturais, planejando e agindo de forma a atingir pró-eficiência na manutenção indefinida desses ideais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluindo e para não ficar restrito à tarefa crítica de desconstrução, deixamos algumas pistas para a reflexão dos educadores ambientais interessados na busca de novos caminhos. No decorrer de nossas observações vimos a importância da estimulação, a discussão e a compreensão crítica da crise socioambiental, problematizando a diversidade de concepções de sustentabilidade que apresenta em seus argumentos, valores, objetivos, posições ético-políticas e nas implicações sociais. Esse exercício de diferenciação e

esclarecimento auxiliou o educador a escolher, conscientemente, os caminhos que seguiu para desenvolver seu projeto e prática educativa.

Somente dessa maneira podemos dizer que se trata de uma abordagem educacional, pois a outra, ao procurar “educar para algo”, perde o sentido educativo. Nenhum problema pode ser resolvido a partir da mesma consciência que o criou. Precisamos aprender a ver o mundo renovado, precisamos ver diferente, deslocar e renovar nosso ponto de vista para compreender e agir diferentemente. Aprendizado e mudança são inseparáveis, pois não é possível mudar sem aprender (ver o novo), ou aprender sem mudar. (LIMA, 2012, p.05).

A ideia de aprendizado, em sentido amplo, adquire assim uma importância central no debate contemporâneo da sustentabilidade. O tipo de vida, educação e sociedade que teremos no futuro vão depender da qualidade, profundidade e extensão dos processos de aprendizado que formos capazes de criar e exercitar individual e socialmente. A educação e os educadores, em especial, que concentram as tarefas de conceber e pôr em prática os modelos de ensino e aprendizagem sociais têm uma responsabilidade singular nesse processo.

Há uma relação direta entre Educação e Sustentabilidade que precisa fazer parte dos debates que cercam a preocupação com o ambiente. Embora ações pontuais de proteção ambiental sejam importantes e necessárias, precisamos compreender que somente uma revolução educacional vai permitir mudanças realmente significativas a médio e a longo prazo no que diz respeito à sustentabilidade de nossas atividades econômicas.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, I. L. **Foucault e a crítica do sujeito**. Curitiba, PR: Ed. da UFPR, 2001.

BOFF, Leonardo, 1994. **Nova era: a civilização planetária**. São Paulo, Ática.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues, 2008. **Aqui é onde eu moro**, aqui nós vivemos: escritos para conhecer, pensar e praticar o município educador sustentável. Brasília: Ministério do Meio Ambiente.

BRASIL (1961). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília/DF: Senado, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm> Acesso em: 18 abril. 2014.

BRUNDTLAND, W. **Meio Ambiente e Desenvolvimento**. 2. ed. Rio de Janeiro. Fundação Getúlio Vargas, 1987.

FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: PUC, 1974.
_____. A ordem do discurso. São Paulo: Edições Loyola, 2001

FREIRE, Paulo. 1992. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra.

GADOTTI, Moacir, 2001. **Perspectivas atuais da educação**. Porto Alegre: Artmed.

GARNICA, A.V.M. **A História Oral como recurso para a pesquisa em Educação Matemática**: um estudo do caso brasileiro. 2005. Disponível em http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/jponte/fdm/estudos_de_caso.htm. Acesso em 18/04/2014.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 7 ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

LIMA, Gustavo da Costa. **Sociedade Civil e Meio Ambiente**: A atuação e os desafios das ONGs ambientais na região metropolitana de João Pessoa PB. 2012.

UNESCO, 2005. **Década das Nações Unidas da Educação para o Desenvolvimento Sustentável** (2005-2014). Brasília: Unesco

PINHEIRO, Maria do Socorro Dias. **A concepção de educação do campo no cenário das políticas públicas da sociedade brasileira**. Disponível em: <<http://br.monografias.com/trabalhos915/educacao-campo-politicas/educacao-campo-politicas.shtml>>. Acesso em: 18 de abril 2014.

STERLING, S. **Sustainable education**: re-visioning learning and change. Bristol, UK: Green Books, 2001.

<http://www.suapesquisa.com/reciclagem/> Acesso em 18.04.2014